

Corte festeja seu provável rei

MARLENE GALEAZZI

BRASÍLIA — A corte é a mesma, o que muda é o rei. E, para homenageá-lo, na noite de anteontem ela se engalanou e participou de mais uma requintada festa brasiliense, como costumam acontecer às vésperas da troca do morador no Palácio da Alvorada. Para que tudo corresse como manda o figurino, os convidados tiveram cuidados especiais na escolha dos trajes. Imperdoável na corte é aparecer em foto de coluna social usando a mesma roupa de outras festas, de outros reis. A personagem pode até ser a mesma, o importante é mudar o modelo. Exatamente como ocorreu na noite de anteontem, quando Fernando Collor de Mello foi sofisticadamente homenageado.

A recepção, que inaugurou a estação de festas para o presidenciável preferido do povo, segundo as pesquisas, foi realizada no Lago Sul, na hollywoodiana mansão de seis quartos e duas suítes do empreiteiro Eduardo Cardoso, amigo de infância de Collor. Para impedir a presença de "penetras", uma espécie de praga que ataca Bra-

sília nos períodos de troca de governo, foi montado um forte esquema de segurança, que, no final das contas, funcionou mal. Enquanto jornalistas e representantes de empresas ficaram de fora, duas funcionárias do Senado furaram o cerco — mas foram retiradas depois.

Para o sucesso da festa, de 170 convidados, entre embaixadores, amigos e empresários, alguns vindos de outros Estados, o que há de melhor na cor-

te foi convocado. A decoração ficou por conta da firma Dragée, cuja proprietária, a supercolunável Mara Amaral, mulher do colunista Gilberto Amaral, do **Correio Braziliense** viaja seis vezes por ano para a Europa e os Estados Unidos para ficar atualizada. Para Collor, ela criou algo muito especial: no jardim, ao lado de um tapete vermelho que amaciava a dura caminhada do candidato, colocou dois gigantescos aquários, onde nadavam peixi-

nhos coloridos. Com isto, os convidados esqueceram a baixa umidade do ar, registrada em apenas 18%, das mais baixas do ano na Capital.

Collor nasceu no Rio e se criou em Brasília. Bom motivo para os anfitriões bolarem o bufê, todo com frutos do mar, feito em Belo Horizonte por Maria Emy, que, segundo a crônica social, é a preferida da corte brasiliense. Para ser transportado para Brasília, foram usados três ônibus com um sistema especial de refrigeração. No jardim da casa, o bufê foi posto dentro de tendas, parecidas com as que os marajás usavam em cima dos elefantes quando saíam pelas ruas da Índia. O vinho, servido até as 2 horas da manhã, fez um trajeto mais longo, saiu da Alemanha e da França.

No meio da madrugada, para desfazer qualquer preconceito ideológico, Collor aceitou a oferta do anfitrião e acendeu um legítimo "havana", que ele fumou democraticamente ao lado dos insuspeitos embaixadores do Canadá, do Líbano e dos Estados Unidos. Em seguida, o campeão das pesquisas desapareceu na noite brasiliense.



Beth Munhoz/AE

A mansão do empreiteiro, no Lago Sul: cenário da corte